

OS CAMINHOS DA REFLEXÃO SOBRE

CIDADE

Ana Fani Alessandri Carlos (org.)

URBANO

edusp

VASCONCELOS, Pedro A cidade da Geografia no Brasil. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 63-78.

5. A CIDADE DA GEOGRAFIA NO BRASIL

*Pedro de Almeida Vasconcelos**

Introdução

Segundo a visão de cada autor, de cada "escola" geográfica, a geografia teria por objeto:

1. o estudo da superfície terrestre;
2. o estudo da paisagem;
3. o estudo da individualidade dos lugares;
4. o estudo da diferenciação das áreas;
5. o estudo das relações entre o homem e o meio ou entre sociedade e natureza;
6. o estudo do espaço (Moraes, 1983);
7. a análise espacial;
8. o estudo da sociedade através de sua organização espacial.

Em qualquer desses objetos indicados, a cidade pode ser considerada como campo de análise da geografia, variando, sobretudo, a escala a ser utilizada. Essa ambição de considerar o espaço como seu objeto pode ser apontada como uma das fraquezas da geografia, pelo perigo de não

* Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado em arquitetura e urbanismo.

poder aprofundar as questões e, conseqüentemente, não poder competir com as disciplinas "especializadas", guardiães dos "saberes específicos".

Pode-se ainda adicionar o complicador da divisão interna entre ciência da natureza (geografia física) e ciência social (geografia humana).

Por outro lado, essa amplitude vai permitir uma grande variedade de estudos, originando bastante cedo um ramo específico: a geografia urbana.

Para uma reflexão crítica sobre o que foi produzido, é necessário estabelecer limites e critérios de seleção. Nossa escolha, com todos os riscos de uma escolha, foi, primeiro, iniciar brevemente pela literatura geográfica internacional sobre a cidade, seguindo pelo exame dos trabalhos elaborados por geógrafos brasileiros (ou por não-geógrafos que realizam estudos geográficos), assim como os elaborados por geógrafos estrangeiros, publicados no Brasil. Quanto ao tipo de trabalho, optamos pelos livros e pelas teses publicadas, disponíveis em Salvador, só examinando as comunicações e os artigos considerados mais importantes; optamos também pelo estudo do espaço intra-urbano, considerando os estudos urbanos de redes e de áreas de influência das cidades como estudos de nível urbano-regional.

Finalmente, foi tentada uma classificação por paradigmas dominantes em cada período, juntamente com o tipo de influência externa predominante no Brasil.

5.1 A Geografia Clássica e a Cidade

A geografia como disciplina acadêmica foi instituída no fim do século XIX, numa sociedade que sofria as conseqüências sociais e espaciais da Revolução Industrial.

Contraditoriamente, os trabalhos desse período eram voltados majoritariamente para a análise das paisagens, sobretudo das paisagens rurais. O grande geógrafo francês, Vidal de La Blache, afirmava que "a Geografia é a Ciência dos lugares e não dos homens" (Claval, 1969). De fato, a geografia humana tradicional era orientada para o produto da ação humana, não sendo ainda uma ciência social (Moraes, 1983).

Embora minoritários, os trabalhos sobre a cidade, na geografia clássica, são bastante antigos. Já na segunda geração de geógrafos, após os pioneiros Humboldt e Ritter, o iniciador da corrente determinista, Ratzel, dedica vários capítulos do livro *Anthropogeographie* (1891) aos estudos das cidades (Chabot, 1948), dando ênfase à questão da situação. O mesmo autor vai tomar da fisiologia a palavra "função", que será bastante utilizada na geografia e no urbanismo (Donne, 1983).

Segundo Chabot, é de Meuriot (1897) o primeiro estudo comparativo sobre as aglomerações européias, e o pai da geografia urbana seria Otto Schluter, que publicou, em 1899, o artigo "Observações sobre Assentamentos Urbanos". D. Clark coloca K. Hassert como o iniciador das análises do sítio e da situação das cidades, a partir de seu livro publicado em 1907.

O primeiro trabalho de geografia urbana encontrado em língua inglesa é o de V. F. Emerson, que faz uma interpretação geográfica da cidade de Nova York em artigos de 1908 e 1909 (Chabot, 1948; Clark, 1985).

Os geógrafos franceses passam a ampliar seu interesse pelas cidades com os artigos de Clouzot sobre a formação das cidades (1909) e de Clerget sobre o urbanismo (1909-1910), e sobretudo com o livro de Maunier sobre a origem das funções econômicas da cidade (1910). O primeiro trabalho metodológico sobre as monografias urbanas é o de Blanchard, que inicia com Grenoble (1911) o estudo de uma série de cidades.

Na década de 20 destaca-se o trabalho de Sten de Geer sobre Estocolmo (1923), no qual ele faz a diferenciação entre a área central e os demais bairros. Lavedan é outro pioneiro com sua obra *Histoire de l'urbanisme*, em três volumes (1926-1952), sendo que o primeiro manual é sobre a geografia urbana: *Géographie des villes*, de 1936.

A década de 30 é iniciada com o livro modelar, segundo Lavedan, de Demangeon: *Paris: la ville et sa banlieue* (Lavedan, 1936). Estudos sobre cidades coloniais aparecem, como o de Lespes sobre Argel (1930). D. Clark classifica duas linhas de estudos urbanos desse período: os de morfologia urbana, como os de Muller (1931), e os regionais da cidade, como os de Chabot (1931 e 1938).

Na década de 40 aparecem estudos do geógrafo espanhol Gavira (1940) e do italiano Toschi (1947). No Pós-guerra surgem os primeiros manuais em língua inglesa: *City, Region and Regionalism*, de Dickinson (1947), onde a análise urbana é concomitante à regional, e o *Urban Geography*, do determinista G. Taylor (1949), na linha de análise do sítio e da situação, onde o fator meio ambiente é considerado como o mais importante para a localização das cidades (duzentos casos analisados). O mesmo autor escreveu, em 1914, um artigo sobre a evolução de Cambera (Chabot, 1948; George, 1952; Clark, 1985). Em 1948, Chabot publica o pequeno livro, *Les Villes*, onde introduz o estudo das funções urbanas na metodologia geográfica (George, 1952, 1961).

Na década de 50, é editado o manual de Tricart, talvez o mais detalhado no nível metodológico, apresentando semelhanças com os manuais de urbanismo, sobretudo no exame de estrutura urbana. Em 1952, é

publicado o clássico *Les Fondements de la géographie humaine*, de Sorre, onde nove capítulos do terceiro volume são dedicados à cidade. O autor faz a distinção entre o urbanismo (disciplina prática) e a geografia (que constata e explica) (Sorre, 1952). Em 1952, é publicado também o livro de P. George, *La Ville: le fait urbain à travers le Monde*, onde o autor amplia a análise urbana para o nível internacional. Em 1961, ele lança o manual *Précis de géographie urbaine* – com capítulo sobre cidades subdesenvolvidas –, que teve grande divulgação no Brasil.

Em 1956, J. Brunhes, num capítulo sobre a cidade em seu livro *Geografia Humana*, embora considerando a cidade como ocupação improdutiva, afirma que a mesma deve ser tratada como um organismo vivo, utilizando métodos comparativos.

Em 1961, o francês Gottmann cria o neologismo “megálópoles” para descrever a região urbana norte-americana.

O último manual importante de geografia urbana clássica é o de Beaujeu-Garnier e Chabot, *Traité de géographie urbaine*, de 1963, atualizado pela primeira autora em 1980.

5.2 A Geografia Clássica e a Cidade no Brasil

5.2.1 Influência francesa preponderante¹

No Brasil, após a Revolução de 30 – em que o controle político passa para a burguesia urbana –, e com a implantação do ensino superior em geografia, aparecem os primeiros trabalhos de geografia urbana.

Caio Prado Jr., historiador, escreve, em 1935, o primeiro texto sobre São Paulo², onde as análises do sítio e da situação são utilizadas para o entendimento do desenvolvimento da cidade.

O francês P. Deffontaines, da Universidade do Distrito Federal, publica, em 1939, o capítulo “Rio de Janeiro e São Paulo”, como parte da geografia humana do Brasil, que aparece na *Revista Brasileira de Geografia*. Nesse trabalho, ele examina os obstáculos naturais para o desenvolvimento da cidade do Rio (cidade do consumo) e as vantagens da situação de São Paulo (cidade da produção), onde o fator histórico é considerado fundamental.

1. Ver levantamento completo realizado por Müller (1968), com bibliografia comentada, totalizando 404 títulos.

2. O texto de Preston James sobre Belo Horizonte, de 1933, publicado nos Estados Unidos, não deve ser considerado como produção brasileira.

Em 1940, começa a publicação de uma série de quatro artigos do engenheiro J. Cavalcanti, onde ele enfatiza a influência da geografia sobre o urbanismo, utilizando como exemplos várias cidades brasileiras.

Em 1941, o geógrafo brasileiro Aroldo de Azevedo escreve um artigo na mesma revista, comentando a criação da cidade de Goiânia³. Em 1945, com *Os Subúrbios Orientais de São Paulo*⁴, ele vai dar início à publicação de uma série de teses sobre cidades brasileiras, elaboradas por geógrafos. Em 1958, é publicado o grande trabalho sobre São Paulo, sob sua coordenação. Aroldo de Azevedo foi certamente o geógrafo que deu a maior contribuição no período: publicou 32 trabalhos sobre a geografia urbana entre 1941 e 1962 (ver Müller, 1968).

O geógrafo francês P. Mombeig publica também, em 1941, o importante artigo “O Estudo Geográfico das Cidades”. Este primeiro artigo teórico é um roteiro de elaboração de uma monografia urbana, em que constam a posição (situação e local), a evolução urbana (demografia, habitação, circulação), as funções urbanas (comercial, industrial, bancária, espiritual) e o exame do raio de ação da cidade e da sua região de influência⁵.

No Pós-guerra, os geógrafos brasileiros se impõem: em 1954, Josué de Castro publica sua tese de 1948 sobre o Recife, a partir de pesquisas realizadas no Brasil, em Portugal, França e Holanda, procurando relacionar os fatores fisiográficos, históricos e locais, e propondo o conceito moderno de “fabricação da paisagem urbana”.

Nesse mesmo ano, Milton Santos inicia a sua grande produção sobre as cidades, com a pequena monografia sobre Ubaitaba. Em 1958, ele defende, em Estrasburgo, sua tese sobre o centro de Salvador. Nesse estudo, o autor apresenta conceitos modernos como “elementos da estrutura urbana” e trata de questões que serão desenvolvidas posteriormente, como as invasões e os cortiços, e examina a literatura histórica sobre Salvador. Em 1959, em trabalho pioneiro, ele utiliza o método de Rochefort em *A Rede Urbana do Recôncavo*. Em seguida, extrapola a análise das cidades brasileiras, passando para o exame comparativo das cidades do Terceiro Mundo, em seus livros *As Cidades dos Países Subdesenvolvidos* (1965) e *A Urbanização Desigual*, tradução do original francês de 1971, onde a bibliografia não é mais predominantemente francesa. Essa linha é seguida em seu livro *Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana*, onde ele discute as “Metrópoles Incompletas” (1982).

3. De fato, o primeiro artigo de geógrafo brasileiro que trata de cidades é o de Correia Filho, sobre Caxambu, publicado em 1940, na *Revista Brasileira de Geografia*.

4. A parte principal da tese foi republicada em Azevedo (1952).

5. No exterior (Grenoble), Mombeig publicou *La Croissance de la ville de Sao Paulo*, em 1941.

A AGB de São Paulo publica, em 1958, a maior e mais completa monografia sobre uma cidade brasileira, *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana*, elaborada por um grupo de doze geógrafos, uma historiadora e um engenheiro-geólogo, dirigidos por Aroldo de Azevedo. O trabalho, apresentado em quatro volumes, começa com a apresentação da cidade e examina o seu meio físico; o volume seguinte é sobre a evolução urbana da cidade; o terceiro é sobre questões específicas (indústria e energia), assim como sobre a área central e seus bairros; e o último volume trata dos "subúrbios" de São Paulo, de fato os municípios vizinhos.

Pedro Geiger, em 1963, lançará o livro *Evolução da Rede Urbana Brasileira*, onde a questão urbana é analisada na sua totalidade. Geiger extrapola as monografias urbanas com o exame das redes urbanas, mas sem o abandono da análise das grandes cidades. O uso da estatística está presente. Passa do nível nacional ao regional e ao urbano. A evolução histórica é também contemplada. A bibliografia é predominantemente nacional, mas a influência francesa, como a de Rochefort, é observada.

Em 1964, é publicado o mais importante trabalho do período sobre o Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE/CNG (Conselho Nacional de Geografia) coordenado por Lysia Bernardes, com a orientação de Rochefort. Mas o Rio de Janeiro e sua região são de fato um estudo regional, com o objetivo de definir a área de influência da segunda metrópole nacional. Na bibliografia de orientação geral, predominantemente francesa, já aparecem Christaller, Dickinson, Milton Santos e o economista Boudeville.

Antonio Penteado, em 1966, defende sua tese sobre Belém, publicada em 1968⁶. Monografia clássica tardia, inclui a descrição da cidade (posição, sítio, clima, vegetação), seguida da sua evolução histórica. A análise da população e da organização do espaço é a parte mais aprofundada. Sua maior originalidade está no levantamento de problemas. Em dois volumes fartamente ilustrados, apresenta bibliografia predominantemente brasileira, inclusive histórica.

Em 1967, o IBGE/CNG publica o trabalho coordenado por Capdeville Duarte, *Área Central da Cidade do Rio de Janeiro*, onde é dada grande ênfase às funções urbanas. Nesse trabalho, a influência anglo-saxã já é equivalente à francesa.

Em 1971, é publicada a tese de Juergen Langenbuch, *A Estruturação da Grande São Paulo*, tratando sobretudo da evolução urbana dos arredores da cidade. No capítulo final, o autor elabora um ensaio de tipologia urbana.

6. Penteado já tinha publicado trabalhos anteriores sobre Belém, em 1949 e 1951.

Em 1975, aparece o trabalho conjunto do arquiteto Francisconi com a geógrafa Maria Adélia de Souza, onde o nível de análise é nacional e voltado para o planejamento. Propostas de políticas urbanas, com grande influência francesa, são explicitadas e irão influenciar a elaboração da política espacial do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento).

Finalmente, o trabalho de Manoel Correia de Andrade⁷, de 1979, sobre a metrópole pernambucana⁸, pela análise das questões sociais e incorporação da história ao estudo, aproxima-se dos trabalhos da geografia crítica. Em seu livro anterior, *Cidade e Campo no Brasil* (1974), as cidades são analisadas do ponto de vista regional.

Os trabalhos de geografia clássica foram considerados por muitos autores como descritivos, baseados em casos individuais, sobretudo as famosas monografias. Hoje, entretanto, consideramos importante o resgate de várias dessas contribuições, levando-se em conta tanto o período, como o contexto em que foram produzidos, e sobretudo a qualidade intrínseca desses trabalhos pioneiros.

5.3 A Geografia Teórico-quantitativa e a Cidade

Esse movimento de questionamento paradigmático na geografia impôs-se sobretudo nos anos 60, sendo originário da literatura anglo-saxônica. A geografia "quantitativa", conhecida também como "teórica", criticava o caráter não científico da geografia tradicional e indicava a necessidade de a geografia se inserir na mesma corrente de modificações teórico-metodológicas ocorridas nas demais ciências sociais (o método positivista) e de contribuir para as atividades de planejamento.

As questões que mais interessavam a esses autores era a busca de padrões espaciais e de organização do espaço e a classificação e hierarquização das cidades.

No nível urbano, o principal resultado foi a mudança de escala: a prioridade passou para os estudos de redes e hierarquias urbanas e dos sistemas e cidades, ao tempo em que a cidade se tornava um ponto no espaço, o que resultou em poucos trabalhos no nível intra-urbano.

O principal precursor dessa linha foi o geógrafo alemão Christaller, que publicou *Teoria das Localidades Centrais*, em 1933, mas só teve uma maior divulgação após sua tradução para o inglês, em 1954. Embora sua proposta de hierarquia urbana seja de abrangência regional, o mo-

7. Andrade apresentou, em 1961, uma monografia sobre a cidade de Ubá, no Avulso I da AGB.

8. M. L. de Melo publicou, em 1978, seu livro *Metropolização e Subdesenvolvimento: O Caso do Recife*.

delo de análise pode ser utilizado em estudos intra-urbanos. Conceitos como "limiar" e "alcance" são algumas das contribuições desse autor. Sua proposta de hierarquia urbana extrapolou o domínio da geografia.

Outros importantes precursores, no nível da análise propriamente urbana, foram Harris e Ullmann (1945), que, com a proposta de *Núcleos Múltiplos*, deram continuidade aos modelos de ecologia urbana, iniciados pelo sociólogo Burgess (*Zonas Concêntricas*, 1926) e pelo economista Hoyt (*Setores*, 1933).

A contribuição francesa mais conhecida, nessa linha, é o modelo de Rochefort (1960), elaborado a partir da análise da organização urbana da Alsácia.

O autor mais conhecido na análise de sistemas urbanos é B. Berry, que propôs o exame da cidade como sistema, dentro de um sistema de cidades (1964), tendo em seguida proposto o uso de ecologia fatorial (1971), a partir da utilização de computadores e de grande número de dados estatísticos.

5.4 A Geografia Teórico-quantitativa e a Cidade no Brasil

5.4.1 Influência anglo-saxônia dominante

No Brasil, foi sobretudo o IBGE que introduziu essa corrente, a partir da seleção de textos de geógrafos e economistas – efetuada por Speridião Faissol –, que deu origem à *Urbanização e Regionalização* (1975). Em 1978, sob a organização de Faissol, foi publicado também o volume *Tendências Atuais na Geografia Urbano/Regional: Teorização e Quantificação*, em conformidade com a decisão do Instituto Panamericano de Geografia e História de "elaborar texto básico que escrevesse as mais recentes tendências na Geografia em termos conceituais como metodológicos e torná-los acessíveis aos geógrafos da América Latina" (p.v.). Várias técnicas estatísticas sofisticadas foram apresentadas para análise de casos brasileiros: análise fatorial, correlação canônica, cadeia de Markov etc. A geografia urbana é associada por Faissol ao "Urban Economics", e a predominância da literatura da língua inglesa é marcante.

A tese de Sylvio B. M. Silva, *Urbanização e Desenvolvimento Regional no Estado da Bahia: Uma Visão Sistêmica*, de 1975, tem como escala o Estado. As teorias gerais de sistemas, de localização de atividades econômicas e de desenvolvimento regional são examinadas para o entendimento do processo de urbanização.

Uma série de estudos encomendados pela Sudene são publicados nos anos 80: *O Subsistema Urbano-regional de Feira de Santana*

(1985), *de Ilhéus-Itabuna* (1987), elaborados por Sylvio B. M. Silva, B. -Christine N. Silva e Sônia O. Leão, assim como o estudo de Aracaju (1985) de Alexandre Diniz. Esses estudos, entretanto, podem ser considerados mais regionais que urbanos, apesar da ênfase às cidades no contexto regional.

A tese de Helena K. Cordeiro (1980) *O Centro da Metrópole Paulistana: Expansão Recente*, é de difícil classificação: é um dos raros exemplos de estudos intra-urbanos de influência anglo-saxônia, mas, desta vez, na vertente da Escola de Chicago. A autora extrapola a linha dessa escola a partir da análise evolutiva desde os anos 50 e acrescenta o exame de tendências de expansão do centro de São Paulo (análise de processo).

Finalmente, foi publicado recentemente (1989) o estudo *Urbanização e Metropolização no Estado da Bahia*, também de autoria de Sylvio B. M. Silva, B. -Christine N. Silva e Sônia O. Leão, onde, desta vez, a evolução histórica da rede de cidades brasileiras tem um papel preponderante.

5.5 A Geografia Crítica e a Cidade

A geografia crítica ou radical aparece nos anos 70. Embora bastante eclética, tem a maior parte de seus trabalhos sob inspiração marxista. O processo histórico ganha importância e as contradições e os conflitos são considerados. A cidade é vista como *locus* principal da acumulação do capital e da contradição entre capital e trabalho e entre sociedade civil e Estado. A segregação do espaço pelas classes dominantes é examinada, além da divisão territorial do trabalho. Novos conceitos são necessários para acompanhar essas novas formulações.

Os precursores dessas correntes foram E. Reclus (1830-1905) P. Kropotkin (1842-1921), ambos anarquistas e marginalizados pelo mundo acadêmico da época. Reclus pertenceu também à segunda geração de geógrafos, tendo sido aluno de Ritter. Assumiu um papel bastante crítico em relação à sociedade da época: o desenvolvimento é desigual entre os indivíduos, e a sociedade é dividida em classes. Em seu livro, *L'Homme et la terre* (1905) ele discute a questão das cidades e afirma que "na periferia de várias cidades importantes, grandes banqueiros e proprietários de terras aumentam a cada ano seu domínio de centenas de hectares [...]" (Andrade, 1985).

Dos autores estrangeiros mais recentes, um dos mais famosos é D. Harvey, com seu livro *A Justiça Social e a Cidade* (1973). Harvey foi

um dos maiores teóricos da geografia quantitativa. Ele superou a sua própria formação liberal, na primeira parte do livro, por uma formulação socialista, na segunda parte, onde a discussão da renda da terra aparece como uma questão fundamental. Ele examina a natureza da teoria, do espaço, da justiça social e do urbanismo.

Nesse mesmo período, as revistas *Antipode* e *Hérodote* abrem espaço para essas novas correntes.

Autores não marxistas também têm aportado uma visão crítica sobre as questões urbanas, como Durand-Lasserve, com a sua análise da exclusão dos pobres das cidades do Terceiro Mundo (1986).

Autores de outras disciplinas também vão contribuir para o pensamento crítico da cidade: Lefebvre, Castells, Lipietz, F. Oliveira, P. Singer⁹, dentre outros, e o pensamento brasileiro também começa a ter influência no nível internacional¹⁰.

5.6 A Geografia e a Cidade Brasileira

5.6.1 Influência brasileira predominante?

Ainda na França, Milton Santos publica, em 1975, *O Espaço Dividido*, que é a consolidação de suas idéias sobre a economia das cidades do Terceiro Mundo. Ele examina os dois circuitos da economia urbana e contrapõe-se ao equivocado, porém difundido, conceito anglo-saxão de "setor informal". Esse livro aponta nova proposta teórica e apóia-se em alentada bibliografia internacional apresentada em 35 páginas. Em 1978, Milton Santos faz o balanço da questão da pobreza nas cidades do Terceiro Mundo, assim como da questão do trabalho, em seu *Pobreza Urbana*. Neste livro, a bibliografia é fundamental, desta vez visando à divulgação de autores preocupados com a questão urbana em países periféricos (43 p.).

Desde 1985 Aldo Paviani vem organizando coletâneas sobre Brasília, onde, além de geógrafos, outros estudiosos apresentam seus estudos sobre os conflitos na capital federal¹¹.

9. O artigo de F. Davidovich (1983) destaca a influência de correntes não positivistas nas conceituações do urbano.

10. Recentemente, correntes de estudo da percepção e do meio ambiente urbano também começam a ganhar terreno.

11. Em 1985, foi organizada por Paviani a coletânea *Brasília: Ideologia e Realidade*; em 1987, *Urbanização e Metropolização* e, recentemente, foi lançado pelo mesmo organizador *Brasília: A Metrópole em Crise* (1989).

Em 1986, J. Vesentini publica sua tese de doutoramento, *A Capital da Geopolítica*, estudo original sobre a geopolítica e a cidade de Brasília, de cunho histórico-crítico.

Em 1987, é publicado o livro de Maurício Abreu, *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, onde a história é resgatada, para o entendimento geográfico da cidade, pela análise dos conflitos de interesses e das intervenções do Estado, que resultaram no atual espaço segregado.

Em 1988, Maria Adélia de Souza publica seu livro *Governo Urbano*, a partir de uma série de artigos do período 1978-1985, o que permite acompanhar a evolução de seu pensamento e de sua prática no planejamento, na fronteira entre a geografia e o urbanismo.

Arlete Rodrigues publica, no mesmo ano, o didático *Moradia nas Cidades Brasileiras*, onde o tema habitação é recuperado pela geografia.

Maria da Encarnação Sposito publica, também em 1988, *Capitalismo e Urbanização*, onde descreve, de maneira sintética, a evolução da urbanização, tema que estava sob o monopólio dos arquitetos.

Ana Fani Carlos, utilizando a análise marxista na geografia, faz a relação entre a indústria e o urbano, sob o prisma teórico, nos seus vários níveis, no livro de 1989.

Finalmente, o recente livro de Roberto Lobato Corrêa, *O Espaço Urbano* (1989), vem preencher uma importante lacuna: no nível intra-urbano é uma excelente síntese que destaca os agentes produtores do espaço urbano, os processos e suas resultantes formas espaciais.

Conclusões

A produção da geografia urbana brasileira é considerável. Não tivemos a pretensão de realizar uma cobertura completa, mas apenas apresentar os trabalhos que poderiam ser considerados mais representativos de cada período.

As influências externas e os paradigmas dominantes possibilitaram uma divisão que facilita a avaliação por grandes blocos:

1. Na geografia clássica, a influência francesa era predominante, inclusive pela presença de professores franceses nas universidades de São Paulo e do Rio, nas décadas de 30 e 40. Os trabalhos desse período apresentam grande unidade metodológica através da elaboração de monografias urbanas. A orientação de Mombeig (1943) é exemplar. O número de trabalhos é muito grande, o que pode ser constatado pelo balanço exaustivo efetuado por Müller, em 1968. Neste período, a geografia dominava os estudos urbanos; e o trabalho coletivo sobre São Paulo, de

1958, pode ser considerado o melhor exemplo de profundidade e extensão, dentro do modelo monográfico.

2. Com o advento do paradigma teórico-quantitativo, a influência externa passa a ser sobretudo anglo-saxônia, assim como a de geógrafos e economistas germânicos.

Há um quase abandono dos estudos das cidades, de *per se*, voltando a geografia para a análise urbano-regional, para o estudo dos sistemas de cidades e das hierarquias urbanas, pela utilização de métodos estatísticos sofisticados.

A incorporação da metodologia positivista se deu concomitantemente com o abandono da história.

Os trabalhos sob o patrocínio do IBGE, publicados em 1978, podem ser considerados os mais representativos dessa opção teórico-metodológica.

3. A geografia crítica mais recente, que apresenta menor homogeneidade teórico-metodológica, ainda recebe influência externa, mas, por outro lado, já conta com autores que contribuem teoricamente no nível internacional, como Milton Santos, com sua teorização sobre os circuitos da economia das cidades do Terceiro Mundo.

Porém, como a maior contribuição da geografia crítica é eminentemente teórica, a maior parte dos trabalhos apresenta questões específicas ou parciais sobre as cidades. O número de análises sobre cidades concretas, examinadas no seu conjunto, ainda é pequeno nessas correntes.

Tentando sintetizar, podemos destacar exemplos das contribuições específicas, para a compreensão das cidades ou das sociedades nas cidades, produzidas pelos paradigmas da geografia urbana:

1. No paradigma clássico: o sítio e a situação; a evolução urbana; as funções urbanas; os raios de ação das cidades; e a região de influência das cidades.

2. No paradigma teórico-quantitativo: a classificação das cidades; a hierarquia das cidades; a distribuição das cidades segundo o tamanho; os sistemas de cidades; os padrões locacionais e espaciais.

3. No paradigma crítico: os circuitos superior e inferior; os elementos do espaço; a divisão territorial do trabalho; a divisão social do espaço; as formações socioespaciais.

Apesar dessa importante contribuição para o entendimento das cidades, e partindo de uma situação de quase monopólio, atualmente a ge-

ografia está perdendo terreno para os estudiosos de outros compartimentos do saber (sociólogos, antropólogos, economistas, arquitetos, engenheiros etc.)¹².

Como Aroldo de Azevedo já havia previsto, há quase trinta anos, ainda hoje é necessário apelar aos geógrafos para a produção de novos estudos sobre a cidade, mas sem o abandono dos estudos urbano-regionais, de firme domínio da geografia.

Este apelo, porém, não deve ter o caráter corporativista, uma vez que não devemos ter a pretensão de sermos os únicos capazes de realizar bons trabalhos neste domínio. Ao contrário, os trabalhos poderão também ser elaborados em conjunto com estudiosos de outras disciplinas. O importante é a contribuição social desses trabalhos no avanço do conhecimento sobre as cidades.

Estes estudos poderão ter como elemento unificador – o que pode parecer contraditório – o veio pelo qual é possível compreender as raízes das especificidades de cada cidade: a história urbana.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Estrangeira

Consultada:

- BAILLY, A. S. (1978). *L'Organisation urbaine: Théories et modèles*. Paris, CRU.
- BEAUJEU-GARNIER, J. (1983). *Geografia Urbana*. Lisboa, Fundação C. Gulbenkian (orig. 1980).
- BEAUJEU-GARNIER, J. & CHABOT, G. (1963). *Traité de géographie urbaine*. Paris, A. Colin.
- BRUNHES, J. (1962). *Geografia Humana*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura (orig. 1956).
- CHABOT, G. (1948). *Les Villes: Aperçu de géographie humaine*. Paris, A. Colin.
- CLARK, D. (1985). *Introdução à Geografia Urbana*. São Paulo, DIFEL (orig. 1982).
- CLAVAL, P. (1969). *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*. Paris, Belles Lettres.
- _____. (1984). *Géographie humaine et économique contemporaine*. Paris, PUF.
- DERRUAU, M. (1976). *Géographie humaine*. Paris, A. Colin.
- DICKINSON, R. E. (1961). *Ciudad, Región y Regionalismo*. Barcelona, Omega (orig. 1947).
- DONNE, M. D. (1983). *Teorias sobre a Cidade*. Lisboa, Martins Fontes (orig. 1979).
- DURAND-LASSERVE, A. (1986). *L'Exclusion des pauvres dans les villes du Tiers Monde*. Paris, l'Harmattan.
- GARNER, B. (1975). "Modelos de Geografia Urbana e Localização das Povoações". In: CHORLEY, R. & HAGGETT, P. *Modelos Sócio-Econômicos em Geografia*. Rio de Janeiro/São Paulo, LTC/Edusp, pp. 124-177 (orig. 1967).
- GEORGE, P. (1952). *La Ville: Le Fait urbain à travers le monde*. Paris, PUF.

12. A perda de terreno pelos geógrafos pode ser mensurada pela proporção de trabalhos publicados por geógrafos numa revista pluridisciplinar como *Espaço & Debates*: nos 26 números editados, os trabalhos assinados por geógrafos alcançam apenas 11% do total.

- HARVEY, D. (1980). *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo, HUCITEC (orig. 1973).
- JOHNSTON, R. J. (1986). *Geografia e Geógrafos*. São Paulo, DIFEL, (orig. 1979).
- LAVEDAN, P. (1936). *Géographie des villes*. Paris, Gallimard.
- MAYER, H. (1976). "Perspectiva da Geografia Urbana". In: HAUSER, P. & SCHNORE, L. *Estudos de Urbanização*. São Paulo, Pioneira (orig. 1965).
- SORRE, M. (1950-1952). *Les Fondements de la géographie humaine*. Paris, A. Colin, vol. 3.
- TAYLOR, G. (1954). *Geografia Urbana*. Barcelona, Omega (orig. 1946).
- TRICART, J. (1951). *Cours de géographie humaine. L'Habitat urbain*. Paris, CDU, fasc. II.

Citada:

- BERRY, B. (1964). *Cities as Systems within Systems of Cities*. Regional Science Association.
- _____. (1971). "Comparative Factorial Ecology". *Economic Geography*, 47.
- BLANCHARD, R. (1911). *Grenoble: Étude de géographie urbaine*. Paris, A. Colin.
- CHABOT, G. (1931). "Les Zones d'influence d'une ville". In: *Congrès international de géographie*.
- _____. (1938). "La Détermination des courbes isochrones en géographie urbaine". In: *Congrès international de géographie*.
- CLERGET, P. (1909-1910). "L'Urbanisme". In: *Bulletin de la société neuchâteloise de géographie*.
- CLOUZOT (1909). "Le Problème de la formation des villes". *La Géographie*, 20.
- DEMANGEON, A. (1930). *Paris: La Ville et sa banlieue*. Paris, Bourrellet.
- EMERSON, V. F. (1908-1909). "A Geographic Interpretation of New York City". In: *Bulletin of the American Geographic Society*, 40-41.
- GAVIRA, J. (1940). "La Geografía de la Ciudad". *Estudios Geográficos*, pp. 119-168, out.
- GEER, S. DE. (1923). "Stockholm". *Geographic Review*, 13.
- GOTTMANN, J. (1961). *Megalopolis: The Urbanized Northeastern Seaboard of the United States*. Nova York, The 20th. Cent. Found.
- HARRIS, E. & ULMANN, E. (1945). "The Nature of the Cities". In: *Annals of the American Academy of Political Science*.
- HASSERT, K. (1907). *Die Stadte, geographisch betrachtet*. Leipzig, Teubner.
- JAMES, P. (1933). "Belo Horizonte and Ouro Preto: A Comparative Study of Two Brazilian Cities". *Papers of the Michigan Academy of Sciences, Letters and Arts*.
- LESPEZ, R. (1930). *Alger, étude de géographie et histoire urbaine*. Paris, Alcan.
- MAUNIER, R. (1910). *L'Origine de la fonction économique des villes*. Paris.
- MEURIOT, P. (1897). *Des Agglomérations urbaines dans l'Europe Contemporaine*. Paris.
- MONBEIG, P. (1953). *La Croissance de la ville de São Paulo*. Grenoble, Allier.
- MÜLLER, E. (1931). *Die Altstadt von Breslau: City Bildung und Physiognomie*. Breslau, VSG.
- RATZEL, F. (1891). *Anthropogeographie*. Stuttgart, t. II.
- ROCHEFORT, M. (1960). *L'Organisation urbaine de l'Alsace*. Paris, Belles Lettres.
- SCHLUTER, O. (1899). "Bemerkungen zur Siedlungsgeographie". *Geographische Zeitschrift*.
- TAYLOR, G. (1914). "Evolution of a Capital (Cambera)". *Geographic Journal*.
- TOSCHI, V. (1947). *Geografia Urbana, Studi Didattici e Scientifiche* dell'Istituto di Geografia de l'Università di Bari.

Bibliografia Brasileira

- ABREU, Maurício. (1987). *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar.
- ANDRADE, Manoel C. (1974). *Cidade e Campo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1979). *Recife: Problemática de uma Metrópole em Região Subdesenvolvida*. Recife, EU/UFPE.
- _____. (1985). *Elisée reclus*. São Paulo, Ática.
- _____. (1986). *Tendências Atuais da Geografia Brasileira*. Recife, Asa.
- _____. (1987). *Geografia: Ciência da Sociedade*. São Paulo, Atlas.

- AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), Seção de São Paulo. (1958). *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana*. Cia. Editora Nacional.
- AZEVEDO, Aroldo de. (1941). "Goiania, uma Cidade Criada". *Revista Brasileira de Geografia*, 3(1):3-19, jan.
- _____. (1952). *Regiões e Paisagens do Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- _____. (1960). "A Geografia das Metrópoles Brasileiras. Os Estudos Existentes: Seus Caracteres e Sua Orientação". In: *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 12*.
- CARLOS, Ana Fani A. (1989). *Espaço e Indústria*. São Paulo, Contexto/Edusp.
- CASTRO, Josué de. (1954). *A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, CEB.
- CAVALCANTI, Jerônimo. (1940). "A Geografia e Sua Influência sobre o Urbanismo". *Revista Brasileira de Geografia*, 2(4):521-541, out.
- CORDEIRO, Helena K. (1980). *O Centro da Metrópole Paulistana: Expansão Recente*. São Paulo, USP/IG.
- CORRÊA, Roberto L. (1989). *O Espaço Urbano*. São Paulo, Ática.
- DAVIDOVICH, Fany R. (1983). "Focalizando Conceituações no Urbano". *Revista Brasileira de Geografia*, 45(1):137-140, jan.-mar.
- DEFFONTAINES, P. (1939). "A Geografia Humana no Brasil". *Revista Brasileira de Geografia*, 1(2):20-56, abr.
- DINIZ, Alexandre F. (1987). *O Substema Urbano-regional de Aracaju*. Recife, Sudene.
- FRANCISCONI, J. & SOUZA, M. A. (1975). *Política Nacional de Desenvolvimento Urbano*. Brasília, IPEA/IPLAN-CNPU.
- GEIGER, Pedro. (1963). *Evolução da Rede Urbana Brasileira*. Rio de Janeiro, INEP/MEC.
- IBGE. CNG. (1964). Rio de Janeiro. *O Rio de Janeiro e Sua Região*.
- _____. (1967). Rio de Janeiro. *Área Central da Cidade do Rio de Janeiro*.
- IBGE. (1975). Rio de Janeiro. *Urbanização e Regionalização*.
- _____. (1978). Rio de Janeiro. *Tendências Atuais na Geografia Urbana/Regional: Teorização e Quantificação*.
- LANGENBUCH, J. R. (1971). *A Estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IBGE.
- MAMIGONIAN, A. (1982). "Notas sobre a Geografia Urbana Brasileira". In: SANTOS, M. (org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo, HUCITEC, pp. 202-208.
- MOMBEIG, Pierre. (1943). "O Estudo Geográfico das Cidades". *Boletim Geográfico*, 1(7):7-29, out.
- MONTEIRO, Carlos A. de F. (1980). *A Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências*. São Paulo, USP/IG.
- MORAES, Antonio C. R. (1983). *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo, HUCITEC.
- MÜLLER, N. L. (1968). "Evolução e Estado Atual dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil". In: *Simpósio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IFGII, pp. 13-58.
- PAVIANI, Aldo (org.). (1987). *Urbanização e Metropolização: A Gestão dos Conflitos em Brasília*. Brasília, EUB/CODEPLAN.
- PENTEADO, Antonio R. (1968). *Belém: Estudo de Geografia Urbana*. Belém, UFPA. (tese 1966).
- PRADO JR., Caio. (1983). "O Fator Geográfico na Formação e Desenvolvimento da Cidade de São Paulo". In: *A Cidade de São Paulo: Geografia e História*. São Paulo, Brasiliense (orig. 1935).
- RODRIGUES, Arlete M. (1988). *Moradia nas Cidades Brasileiras*. São Paulo, Contexto/Edusp.
- SANTOS, Milton. (1954). *Ubaitaba: Estudo de Geografia Urbana*. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia.
- _____. (1959). *O Centro da Cidade de Salvador*. Salvador, Progresso (tese 1958).
- _____. (1959). *A Rede Urbana do Recôncavo*. Salvador, UFBA.
- _____. (1965). *As Cidades dos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- _____. (1978). *Pobreza Urbana*. São Paulo, HUCITEC.
- _____. (1979). *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves (orig. 1975).
- _____. (1980). *A Urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos*. Petrópolis, Vozes (orig. *Les Villes du Tiers Monde*, 1971).
- _____. (1982). *Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana*. São Paulo, HUCITEC.

- SILVA, Sylvio B. M. (1975). *Urbanização e Desenvolvimento Regional no Estado da Bahia: Uma Visão Sistêmica*. Salvador, UFBA (dissertação).
- SILVA, S. B. M.; SILVA, B. -C. N. & LEÃO, S. O. (1985). *O Subsistema Urbano-regional de Feira de Santana*. Recife, Sudene.
- _____. (1987) *O Subsistema Urbano-regional de Ilhéus-Itubuna*. Recife, Sudene.
- _____. (1989). *Urbanização e Metropolização no Estado da Bahia: Evolução e Dinâmica*. Salvador, CED/UFBA.
- SOUZA, Maria Adélia. (1988). *Governo Urbano*. São Paulo, Nobel.
- SPOSITO, Maria Encarnação. (1986). *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo, Contexto.
- VESENTINI, J. William. (1986). *A Capital da Geopolítica*. São Paulo, Ática.